

500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO DO MUNDO.
*Pesquisas em Linguística, Literatura e
Cultura dos Países de Língua Portuguesa*

Direção

Sandra Teixeira de Faria

Editores

Francisco Cláudio Alves Marques

María Colom Jiménez

Oswaldo Copertino Duarte

500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO DO MUNDO.
*Pesquisas em Linguística, Literatura e
Cultura dos Países de Língua Portuguesa*

Direção

Sandra Teixeira de Faria

Editores

Francisco Cláudio Alves Marques

María Colom Jiménez

Oswaldo Copertino Duarte



Asociación de Profesores de
Lengua Portuguesa en España

2021

500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO DO MUNDO. Pesquisas em Linguística, Literatura e Cultura dos Países de Língua Portuguesa

Primeira edição: setembro de 2021

© 2021, Dos textos: seus autores

© Ediciones APLEPES

Projeto gráfico da capa: © Amable González, 2021.

ISBN: xxxxxxxxxxxxxxxxx

Depósito legal: xxxxxxxx

Printed in Spain

Os artigos apresentados nesta obra passaram por rigoroso processo de seleção e avaliação cega por pares.

Reservados todos os direitos. Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer meio ou procedimento, sem contar com a autorização prévia, expressa e por escrito dos editores.

ÍNDICE

Comissão Editorial

Comissão Científica

Nota dos Editores

Preâmbulos

A viagem de Circum-Navegação: a primeira era da globalização

JOÃO MIRA GOMES (Embaixador de Portugal em Madrid, Espanha)

Língua Portuguesa

POMPEU ANDREUCCI NETO (Embaixador do Brasil em Madri, Espanha)

Palabras para Josefa

DÁMASO LÓPEZ GARCÍA (Vicerrector de Relaciones Institucionales y Cooperación, UCM)

El II FILP y la proyección de la lengua portuguesa

EUGENIO LUJÁN (Decano de la Facultad de Filología, UCM)

Cuidar da cultura, da língua e da leitura

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS (Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian)

Observatório da Língua Portuguesa

FRANCISCO NUNO RAMOS (Sócio Fundador e Membro do Conselho Diretivo do OLP)

Ampliando horizontes: 500 años de la primera circunnavegación del mundo

JOSÉ JUAN RUIZ (Presidente do Real Instituto Elcano - Madrid)

Navegaciones, Magallanes y *Os Lusíadas*

MARÍA JOSEFA POSTIGO ALDEAMIL

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA, GLOBALIZAÇÃO, POLÍTICA LINGUÍSTICA E INTERNACIONALIZAÇÃO

- 1. 500 anos da circum-navegação do mundo. Civilización occidental, el mundo ibérico y la globalización**
JOSÉ IGNACIO RUIZ RODRÍGUEZ
- 2. Actividade marítima portuguesa nos séculos XV e XVI. Uma espécie de cronologia**
JOSÉ ANTÓNIO RODRIGUES PEREIRA
- 3. Princípios e pressupostos de uma política de defesa da língua portuguesa**
JOÃO CAETANO
- 4. Manter, preservar o português língua de herança na diáspora**
MARIA LUISA ORTIZ ALVAREZ

5. **A Certificação de Português Língua Estrangeira em Portugal: o CAPLE-Ulisboa**
NÉLIA ALEXANDRE
6. **Los estudios de portugués en las Universidades españolas**
ÁNGEL MARCOS DE DIOS
7. **Repensar a educação em tempo de migrações globais. Proposta de sete princípios para a utopia da cidadania global**
JOSÉ EDUARDO FRANCO e LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI
8. **A língua portuguesa e a sua “dialéctica de resistência”: entre a memória do passado e os desafios do futuro**
INOCÊNCIA MATA

SEGUNDA PARTE

A LÍNGUA PORTUGUESA: PESQUISA, ENSINO E SOCIOLINGÜÍSTICA

1. **“Vence desarmada”: La apología de la lengua portuguesa en Severim de Faria**
ANA MARÍA GARCÍA MARTÍN
2. **A Variação Geolinguística nos Provérbios Portugueses**
LUCÍLIA CHACOTO
3. **Portugués y español en la frontera: paisajes lingüísticos en Marvão**
JUAN M. CARRASCO GONZÁLEZ
4. **O Imperativo em Português: Diacronia e Variação**
ANTÓNIO KINGUI DA SILVA e PAULO OSÓRIO
5. **El libro infantil y juvenil en Portugal como instrumento pedagógico: retos para el nuevo milenio**
MARÍA ROSA ÁLVAREZ SELLERS
6. **A viagem da língua e a língua enquanto viagem – reflexões sobre o percurso da língua portuguesa**
CLÁUDIA FERNANDES
7. **Da relação sociolinguística à origem do português brasileiro (PB)**
MARIA GESSY NUNES DE SOUZA
8. **Línguas virtuais, ambíguas, minoritárias, minorizadas, extintas e esquecidas: a ecologia linguística de Macau**
CAIO CÉSAR CHRISTIANO
9. **Situação sociolinguística da Guiné Bissau**
INCANHA INTUMBO (IILP)

TERCEIRA PARTE

ESTUDOS DE LITERATURAS E CULTURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: O PÁTRIO E O UNIVERSAL

- 1. Ao(s) espelho(s) do espaço e do tempo**
ANNABELA RITA
- 2. *História trágico-marítima: estilos epocais e valores da diegese***
ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO
- 3. Fernão de Magalhães em contextos narrativos: interpretações e legado português**
IVANOR LUIZ GUARNIERI
- 4. *De Orpheu à presença e os sentidos de permanência***
DIONÍSIO VILA MAIOR
- 5. Surrealistas portugueses: O acrescento de algo ao que vai havendo**
DIONÍSIO VILA MAIOR
- 6. Representaciones del erotismo poético en la poesía de Fernando Pessoa: Revisitando *Epithalamium* y *Antinous***
MARÍA COLOM JIMÉNEZ
- 7. O júbilo e a dinamogenia na obra *Mensagem* de Fernando Pessoa**
JOSIANE DA TRINDADE DAMASCENO
- 8. *A proposito de records del meu primer viatge a Portugal* de Josep Pla**
JUAN M. RIBERA LLOPIS
- 9. Alice Pestana (Santarém 1860-Madrid 1929), eslabón entre la cultura portuguesa y española entre los siglos XIX y XX**
MARÍA VICTORIA NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ
- 10. Visceras variáveis. Da *dubitatio* poética em António Franco Alexandre**
PEDRO SERRA
- 11. Literatura no ensino de português para estrangeiros: a crônica como elemento de articulação com a cultura**
NILDÍCÉIA APARECIDA ROCHA
- 12. Com a palavra em riste. Algumas considerações sobre a cantoria e o repente do Nordeste brasileiro**
FRANCISCO CLÁUDIO ALVES MARQUES
- 13. Contribuições do cinema brasileiro para a identidade nacional: estudo sobre o filme *Jeca Tatu***
MARIA ISABEL AMPHILO e SONIA REGINA SOARES DA CUNHA
- 14. A água como expressão do sentido figurativo na poética do mar**
DAVID CAPELENGUELA

DE ORPHEU À PRESENÇA E OS SENTIDOS DE PERMANÊNCIA

DIONÍSIO VILA MAIOR

Universidade Aberta (Departamento de Humanidades) / Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL)

1. Recordando Ortega y Gasset e as suas reflexões sobre a *desumanização da arte*, Malcolm Bradbury e James McFarlane (no estudo “The Name and Nature of Modernism”) afirmam que «Modernism might mean not only a new mode or manneirism in the arts, but a certain magnificent disaster for them». Com estas palavras, apontam para um cenário particular de crise cultural no seio da literatura e das artes modernistas do final do século XIX e início do século XX. E acrescentam: «If Modernism is [...] an art of metamorphosis, a Daedalus voyage into unknown arts, it is also a sense of disorientation and nightmare [...]» (Bradbury e McFarlane 1991, 26).

Com este testemunho inicial, procura-se reforçar uma questão basilar: a necessidade de encarar o discurso estético-literário modernista (europeu) como um discurso polifonicamente marcado por diversos traços conformadores de um quadro de crise, discurso esse conformado pelo “experimentalismo estético”, pelo “poder da imaginação”, pela “consciência da contingência”, pela representação do desassossego e desnorteamento do sujeito, pelo “princípio da incerteza”, pelo desmoronamento de “convencionais de causalidade”, pelo “absurdo”, pela “subversão de “quadros de referência”. Trata-se, mesmo, segundo Bradbury e McFarlane, de um quadro que deverá ser culturalmente encarado em termos apocalípticos (*id.*, 27). Encontramos, assim, muito perto das palavras de Alan Bullock, quando se referiu à “crise geral da sociedade europeia” que marcou profundamente os anos que precederam imediatamente a Primeira Guerra Mundial (Bullock, 1991, 58).

2. Por aqui se pode para já deduzir, no caso agora do Modernismo português, até que ponto se justifica falar na *descontinuidade* do discurso estético-literário modernista, possível pela *liberdade* do escritor e do artista modernista. É esta *liberdade*, aliás, uma característica, segundo Gilbert Azam, do «homem moderno» — sujeito que traduz a dinâmica da modernidade e que (consciente da sua temporalidade e historicidade) se *representa* à margem de restrições de índole estético-literária —, desiludido com a falência da *promesse de bonheur* (Azam, 1989, 13 e 14). Contudo, os usos que esse sujeito (por vezes, em *gesto* vanguardista) faz dessa *liberdade* (de criação, de atuação, de pensamento) acabam também por lhe trazer a sua própria “degradação” (*ibid.*).

Quaisquer entretanto que sejam os termos em que (no contexto modernista português) se aborde o posicionamento agónico do *eu* vanguardista relativamente à coletividade (lembremo-nos, essencialmente, de Almada Negreiros, do heterónimo pessoano Álvaro de Campos, de Mário de Sá-Carneiro e de António Ferro), nunca se poderá negar que esse *gesto* (e os textos de Almada são, a esse nível, nucleares) tem

mediatamente que ver com um contexto sociocultural cujos contornos gerais configuram um estado geral de crise de valores que atinge o seu ápice na I Guerra Mundial.

3. Perguntar-se-á: que legado deixaram os órficos? Responder-se-á, com ponderação: a sua “loucura”; a sua exemplaridade (sobretudo [porque evidente] Pessoa, Sá-Carneiro e Almada), as suas reflexões e a sua produção (literária, manifestatária, artística...); o facto de terem possibilitado a abertura de outras propostas literárias ou a figuração, bem marcada, de uma atitude menos obediente às convenções. E a *Orpheu* seguiram-se: as revistas *Exílio* e *Centauro* (ambas de 1916), as quais, ainda que conciliando o decadentismo esteticizante com as tendências ideológicas nacionalistas, acabaram, também elas, por promover (variavelmente) a pluralidade artística e literária; a *Portugal Futurista* (1917); a revista *Contemporânea* (1922-1926), evidenciando uma polifonia estética — e onde, entre outros, participaram os órficos Pessoa (com *António Botto e o ideal estético em Portugal*), Almada Negreiros (com *Histoire du Portugal par Coeur*), mas também Mário de Sá-Carneiro, António Ferro, Amadeo de Souza-Cardoso (póst), Raul Leal, Mário Saa, Eduardo Viana, António Botto, Aquilino Ribeiro, Afonso Lopes Vieira, Correia de Oliveira, Eugénio de Castro, entre outros); as revistas coimbrãs *Byzancio* (1923-1924, presa ainda a alguns valores decadentistas, simbolistas e neolusitanistas, onde colaboram José Régio, Vitorino Nemésio e Edmundo de Bettencourt, entre outros) e *Tríptico* (1924-1925, amparando um certo decadentismo e também neolusitanismo, com a colaboração de João Gaspar Simões, Nemésio, Pascoaes, Régio, Aquilino, Branquinho da Fonseca); a folha (de índole manifestatária) coimbrã *Coimbra Manifesto 1925*, com a pervivência pseudonímica; a *Athena* (1924-1925), com a direção de Pessoa e de Ruy Vaz (revista considerada, até, como uma forma planeada para a reflexão sobre os textos dos heterónimos); mais tarde, os volumes *Cancioneiro* (1930) e *Momento* (1932-1933), onde a presença órfica comparece de novo (com Pessoa, Campos, Almada e Luís de Montalvor), ao lado, já, dos presencistas José Régio, Casais Monteiro e Edmundo de Bettencourt; mais tarde, os três números da *Sudoeste* (1935) — com a coordenação e a colaboração importante dos órficos Almada e Pessoa —, os *Cadernos de poesia* (1940-1953) — pretendendo (sobretudo nas 2ª e 3ª séries) o corte com a herança presencista e neorrealista — e a coleção dos *Cadernos Surrealistas* (1949-1950), já com a colaboração dos surrealistas de Lisboa. E, no âmbito deste percurso pós-órfico, ressoarão sempre aquelas palavras de José Régio, quando, a 8 de abril de 1927, no nº 3 da *Presença* (revista tão marcante pelo recobro anamnésico relativamente aos órficos), no conhecido texto *Da Geração Modernista*, tomava-os como «mestres» de “valor eterno”; e centrava-se, essencialmente, em Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros, «[...] porque estes três nomes», diz, «são dos mais completos, dos mais complexos e dos mais interessantes» (Régio, 1977, 25-26) — afirmação que encontraria eco, aliás, em Vergílio Ferreira, muito mais tarde, em 1984, quando ensina que toda a poesia atual é «difícilmente concebível» sem a «lição» de *Orpheu* (Ferreira, 1984, 22-24).

4. Entretanto, recordemo-nos de que o contexto português que se seguiu a *Orpheu* (e a *Portugal Futurista*) foi um contexto de pós-guerra, mantendo-se o quadro de crise com a revolta militar de 1926, a dissolução do Governo, a instauração da Ditadura e a censura à imprensa. E, em 1927 — num contexto europeu (onde o Surrealismo francês já se encontra consolidado) culturalmente muito marcado pela

influência do grupo da *Nouvelle Revue Française* (onde sobressaíam nomes como Gide, Valéry, Cocteau, Proust, Claudel, Thibaudet, entre outros, e onde se apadrinhava as noções da “arte viva” e da originalidade e génio do artista) —, surge em Coimbra a revista *Presença*.

A este propósito, importa lembrar um conjunto de informações relativas ao programa, à *praxis* e críticas presencistas: as duas séries distribuídas por Coimbra (a 1ª série, entre 1927 e 1938) e por Lisboa (a 2ª série, entre 1939 e 1940); o texto programático intitulado *Literatura Viva* — publicado logo no primeiro número da Revista *Presença*, onde José Régio aponta as suas linhas ideológicas centrais, nele defendendo os conceitos de originalidade, de sinceridade (intelectual), de arte como autenticidade e vitalismo, da presença criadora do artista e da neutralidade da obra de arte; o ascendente intelectual de José Régio (que, deve recordar-se, já publicara em 1925 os *Poemas de Deus e do Diabo*); as duas linhas de ação (tradicional e vanguardista) da revista; a dissidência de Branquinho da Fonseca (que abandona a revista, juntamente com Adolfo Rocha e Edmundo de Bettencourt); o reconhecimento do ideário da *Presença* não como movimento de vanguarda (face ao Futurismo [que propusera valores dinâmicos, sociais, dentro de um rigoroso contexto cultural], a *Presença* propõe “valores estáticos”); a poesia da *Presença*, que, parecendo não mostrar paixão por algo que é desdenhado como secundário (ideológico, moralista, social...), manifesta-se também contra a “mediocridade”, o “tacanhismo mental”, a “prosástica académica” da vida literária do seu tempo (ainda que o *Orpheu* e o Futurismo o tenham de igual modo feito).

No que às linhas gerais do ideário da revista *Presença* — e ainda que não tivessem sido defendidas monoliticamente —, não devemos esquecer que elas assentam, apesar de tudo, em algumas ideias comuns: no amor genuíno à arte como arte; no anti-academismo; na defesa da independência da liberdade interior; no horror à doutrinação dogmática; na defesa dos valores intemporais; na denúncia do perigo da desnacionalização da nossa literatura; na recuperação da tradição e do nacionalismo; na ação pedagógica (consagrou poetas, romancistas, dramaturgos, que renovaram o cenário das letras nacionais; reabilitou artes como o cinema e o bailado; divulgou grandes nomes da Literatura Universal; promove os órficos [recorde-se, por exemplo, o texto *Da Geração Modernista*, que Régio publicou no nº 5 da revista]); na afirmação enfática da individualidade (uma chamada de atenção para os textos intitulados *Modernismo*, de João Gaspar Simões [publicado nos nºs 14 e 15], e *A realidade poética*, de Adolfo Casais Monteiro [publicado no nº 38]); na interrogação sobre o papel da crítica literária (o crítico deveria tentar viver a obra, “meter-se na pele” do escritor [o que provocou, aliás, o desenvolvimento do romance psicológico, devendo recordar-se aqui, por exemplo, *O Jogo da Cabra Cega*, de Régio]); na finalidade estética e desinteressada da arte (sendo, a este nível, importante não nos esquecermos da crítica por muitos movida ao esteticismo da *Presença* [o seu “subjativismo”, o seu “a-historicismo”...], mas tampouco de um relevante texto programático de Régio, intitulado “Literatura livresca e literatura viva”, publicado no nº 9 da revista, onde defende que «a preocupação de ordem política, religiosa, patriótica, social, ética» não deveriam ser banidas da obra de arte).

5. Ora, o psicologismo e esteticismo característicos da *Presença* seriam, aliás, centralmente alvejados pela crítica neorrealista — um Neorrealismo (esse “novo humanismo”) que “surge” e se desenvolvem em Portugal na década de 1940 — com influências do realismo socialistas soviético, da literatura e cinema italianos, do

realismo norte-americano e brasileiro da década de 30 — e se impõe como uma alternativa à *Presença* — especialmente pelo compromisso com uma conceção empenhada da literatura.

Como quer que seja, qualquer visão assente num labor dialógico sobre a literatura do século XX (e XXI) terá que ter sempre a Geração de Orpheu como ponto de partida. Nesse sentido, perguntar-se-á de novo: o que ficou do Grupo do Orpheu? O que ficou dos seus principais protagonistas? Qual foi o legado dos modernistas, e, essencialmente, de Fernando Pessoa?

Perdurou, com certeza, um fecundo legado histórico-cultural e estético-literário. Esse legado, como se viu, continuaria pelos anos seguintes, sob a forma de atitudes e manifestações culturais de alguns dos elementos que, naquele ano de 1915, se “lançaram à aventura”. E, se é certo que, como disse José Blanc de Portugal, Orpheu atualizou «componentes dos invariantes estéticos e literários que são de todas as épocas» (Portugal, 1984, 21), não é igualmente menos certo que ao Grupo de Orpheu muitos são os escritores, críticos, pintores, políticos, que, posteriormente a 1915 (e que assinariam a História e a Cultura Portuguesas do século XX), devem grande parte da sua produção literária, crítica, estética, ideológica. É conhecido, por exemplo, a relação (sobretudo no plano da materialidade do texto) que, na década de 50, os nossos surrealistas manteriam com os órficos (e, de mais perto, com Ângelo de Lima [que, como escreveria Pessoa em novembro de 1935, no nº 3 da revista *Sudoeste*, «não sendo nosso, todavia se tornou nosso» (*Sudoeste*, 1935, 3)], Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro). Perfecto Cuadrado demonstra-o de forma inequívoca²⁰⁵, quando, na poesia dos surrealistas, encontra propriedades essenciais que derivam direta ou indiretamente de alguns dos elementos do Grupo de Orpheu. Entre elas, registam-se três ideias centrais: a conceção da poesia como forma privilegiada de autoconhecimento, o recurso ao humor subversivo e a perceção do poeta como figura à margem da sociedade; e, seguindo essa perspetiva, são muitos os textos (literários, programáticos e manifestatários) surrealistas que com os órficos mantêm relações profundamente dialógicas: *Arte de inventar os personagens*, *Manuel*, *Ars magna*, *Vida e milagres de pápárikáss*, *bastardo do imperador*, *E é preciso correr*, *O prestidigitador organiza um espetáculo*, *Autografia* e *O Navio de Espelhos*, de Mário Cesariny; *Conjugação*, *Projecto de Sucessão* e *Certos outros sinais*, de António Maria Lisboa; *Um Adeus Português* e *Agora escrevo*, de Alexandre O'Neill; *Espelhos*, *Alguns provérbios* e *Que concluir?*, de Cesariny e O'Neill.

6.E, no âmbito destas relações com que dialogicamente os surrealistas portugueses se “alimentaram” nos órficos, como não lembrar Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Ângelo de Lima e até os heterónimos pessoanos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro? Relativamente a Fernando Pessoa, o processo heteronímico em si mesmo, a ironia, a conceção do destino trágico do poeta, a conceção da poesia como via de autoconhecimento, a (fingida) conceção automática de criação, em “dia triunfal”, dos heterónimos, a atribuição a si de uma base histeroneurasténica na “atribuição mental dos heterónimos”, o interesse pelo ocultismo, pela astrologia, pelo hermetismo e pelo esoterismo; relativamente a Mário de Sá-Carneiro, acima de tudo o “excesso” e o seu “malditismo”; relativamente a Ângelo de Lima, o “simbolismo mitologizante”, com evidentes ligações ao

²⁰⁵ Cf. Cuadrado, 1979, 101-112; Cuadrado, 1987, 79 ss.

interseccionismo pessoano, a procura da evasão pelo “Sonho”, ou aquele “mergulho na noite, escura e fria” (como comparece no soneto *Pára-me de repente o Pensamento*); relativamente a Álvaro de Campos, a vertente arrebatada do seu sensacionismo, o verso livre, o seu sarcasmo; relativamente a Alberto Caeiro, a reabilitação do quotidiano, a sua antimetafísica, a sua apologia do conhecimento do mundo através dos sentidos e nunca através da razão, na tentativa se, sem a intervenção do pensamento, identificar as sensações com o seu objeto...

7.Com o que se escreveu, pensamos ter reforçado algumas possibilidades de equacionamento da crise do sujeito em Pessoa, Sá-Carneiro, Almada e Ferro, no que concerne particularmente a alguns dos contornos mais significativos que a delimitam (alguns deles, lembramo-lo novamente, já variavelmente analisados pelos estudiosos dos nossos modernistas): um desses contornos, como vimos, prende-se com a despersonalização do sujeito — questão mediatamente relacionada com o modo como o sujeito apreende a realidade (por ele perspectivada como um conjunto polifónico de informações) e com a crise geral de valores que esse sujeito vivencia.

Nas ilações que podem ser retiradas no que concerne ao equacionamento do registo do legado do Orpheu (dentro do contexto de uma afirmação dialógica da literatura), e tendo em conta os moldes metodológicos pelos quais nos orientámos, dois pontos devem ser destacados: antes de mais, o que tem que ver sobretudo com os procedimentos que presidem àquele registo, assim como com as consequências literárias de tais procedimentos. Depois, o problema coloca-se noutros termos: trata-se então de se saber até que ponto esses procedimentos servem como elementos de ativação de uma produtividade literária que funcione como opção estética que permita a transcensão de discursos visivelmente marcados pela ideia puramente estruturalista da literatura.

É isso que, de certa forma, Fernando Pessoa sugere, ao reconhecer, ao longo da sua vida, o lugar de destaque conquistado pelo *Orpheu* na Literatura Portuguesa do século XX. E, em 1935, um mês antes de morrer, o nº 3 revista *Sudoeste* publicara um texto seu (“Nós, os do ‘Orpheu’”), onde, resumidamente, o líder do Grupo sintetiza:

Cá estamos mesmo.

Orpheu acabou. *Orpheu* continua (*Sudoeste*, 1935, 3).

Bibliografia

- Azam, Gilbert (1989). *El modernismo desde dentro*. Barcelona: Anthropos.
- Bradbury, Malcolm e McFarlane, James [Eds.] (1991). *Modernism 1890-1930*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Bullock, Alan (1991). The Double Image. In Malcolm Bradbury e James McFarlane [eds.], *Modernism 1890-1930* (pp. 58-70). Harmondsworth: Penguin Books.
- Caeiro, Alberto (2015). *Edição crítica de Fernando Pessoa - Poemas de Alberto Caeiro*. Edição de Ivo Castro. V.IV. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Carvalho, Gil de (1988). Cesariny. In AAVV, *Um Século de Poesia (1888-1988)* (pp. 100-106). Lisboa: A Phala.
- Cesariny, Mário (1980). *Manual de Prestidigitação*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Cuadrado, Perfecto E. (1979-1980). Situación histórica de la poesía surrealista portuguesa: el surrealismo portugués en el contexto de la literatura portuguesa contemporánea. *Mayurqa: Revista del Departament de Ciències Històriques i Teoria de les Arts*, N.19 (2), 93-126.

- (1984). Situação histórica de la poesía surrealista portuguesa 2. *Caligrama: revista insular de filología*, N.1 (1), 91-135.
- (1987). Los vasos comunicantes de la vanguardia portuguesa: de *Orpheu* al surrealismo. *Anthropos*, N.74/75, 72-82.
- (2018). Tiempo y lugar en la utopía surrealista. In Guillermo Laín Corona & Rocío Santiago Nogales [Coords.], *Cartografía literaria: En homenaje al profesor José Romera Castillo* (pp. 999-1010). Madrid: Visor Libros.
- Ferreira, Vergílio (1984). O significado histórico do “Orpheu” [Inquérito]. *Cadernos da Colóquio/Letras*, 2, 22-24.
- Guimarães, Fernando (2009). *A poesia contemporânea portuguesa*. 3ª ed. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.
- Lisboa, Eugénio (1984). *O Segundo Modernismo em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Lourenço, Eduardo (1974). “Presença” ou a Contra-Revolução do Modernismo Português? *Tempo e Poesia* (pp. 165-194). Porto: Editorial Inova.
- Marinho, Maria de Fátima (1987). *O Surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (1996). Surrealismo. In Álvaro Manuel Machado [Dir. e Org.], *Dicionário de Literatura Portuguesa* (pp. 563-566). Lisboa: Editorial Presença.
- Margarido, Alfredo (1988). As Revistas Literárias. In AAVV, *Um Século de Poesia (1888-1988)* (pp. 227-232). Lisboa: A Phala.
- Martinho, F. J. B. (1991). Pessoa e a Presença. *Pessoa e a moderna poesia portuguesa (do Orpheu a 1960)* (pp. 45-71). 2ª ed. Lisboa: Inst Cult Língua Port.
- Mourão-Ferreira, David (1988). Sobre a Poesia da “Presença”. In AAVV, *Um Século de Poesia (1888-1988)* (pp. 51-55). Lisboa: A Phala.
- Ponce De Leão, Isabel (2016). Orpheu... e depois? In Dionísio Vila Maior e Annabela Rita [Coords.], *100 Orpheu* (pp. 387-397). Lisboa: Edições Esgotadas.
- Portugal, José Blanc de (1984). O significado histórico do “Orpheu” [Inquérito]. *Cadernos da Colóquio/Letras*, 2, 20-21.
- Régio, José (1977). *Páginas de doutrina e crítica da “Presença”*. Porto, Brasília Editora.
- Reis, Carlos (2005). *História Crítica da Literatura Portuguesa — Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo*. V. IX. Lisboa: Verbo.
- Sudoeste* (1935), N.3, novembro.
- Vila Maior, Dionísio (1994). *Fernando Pessoa: heteronímia e dialogismo — O contributo de Mikhail Bakhtine*. Coimbra: Livraria Almedina.
- (2003). *O Sujeito Modernista — Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito*. Lisboa: Universidade Aberta.
- (2018). *Sob o signo de Calíope. Sentidos Modernistas*, Roma, Aracne Editora.